

## Formas de tratamento no português europeu: algumas considerações sobre formas neutras e não neutras

### Forms of address in European Portuguese: some considerations on neutral and non-neutral forms

**ROQUE, RENATO**  
rroque@renatoroque.com

**PINTO, ALEXANDRA GUEDES**  
mapinto@letras.up.pt

**PALAVRAS-CHAVE:**  
Formas de Tratamento;  
“Você”;  
Forma Neutra;  
3.<sup>a</sup> Pessoa;  
Sistema T-N-V.

**KEY-WORDS:**  
Forms of Address;  
“Você”;  
Neutral Form;  
3<sup>rd</sup> Person;  
T-N-V System.

Mestre em Multimédia pela Universidade do Porto (2009)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4987-5775>

Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)  
Membro do Centro de Linguística (CLUP/FLUP)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9120-1542>

**RESUMO:** As formas de tratamento na língua portuguesa são complexas e parecem ser uma área da língua em variação rápida. Essas formas, pela sua gradação, complexidade e subtileza, geram confusão e até conflitos entre os falantes. No presente trabalho, guiados, inicialmente, por Cintra (1972) e por Allen (2019)<sup>1</sup>, a que juntámos depois outros contributos, fazemos uma incursão na variedade de formas existente no português europeu contemporâneo e, ao mesmo tempo, procuramos compreender a evolução desse sistema multifacetado, desde antes da fundação da língua portuguesa. Focalizamos, particularmente, uma forma de tratamento em alguns casos problemática: o “você”, relacionando-a com a forma alternativa da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito explícito. Procedemos, por fim, a um pequeno estudo exploratório com recolha de dados, que, apesar de limitada, nos permitiu obter alguns resultados, quer relativos às potencialidades da 3.<sup>a</sup> pessoa, sem sujeito, quer quanto ao uso do pronome “você” por determinados estratos sociais.

**ABSTRACT:** Forms of address in the Portuguese language are complex and seem to be a fairly rapidly changing area of the language. These forms, due to their gradation, complexity and subtlety, generate confusion and even conflict among speakers. In this short paper, guided in the beginning by Cintra (1972) and Allen (2019), to whom we later added other contributions, we explore the variety of forms in contemporary European Portuguese and, at the same time, try to understand the evolution of this multifaceted system since before the foundation of the Portuguese language. We focus in particular on a form of address that is problematic in some cases: “você”, relating it to the alternative form of the 3rd person without an explicit subject. Finally, we carry out a small exploratory study with data collection, which, although limited, allowed us to obtain some results regarding the potential of the 3rd person, without subject, and the way the pronoun “você” is used by certain social classes.

*Você, Reis, tem sina de andar a fugir das revoluções [...].*

*Você continua monárquico.*

*José Saramago em O Ano da Morte de Ricardo Reis*

## 1. INTRODUÇÃO

1. O trabalho de Allen (2019) ajudou-nos também no acesso a um conjunto de outros estudos, citados pela autora na sua tese, e que nós adotámos como um ponto de referência na nossa reflexão sobre o tema.

No romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago, Fernando Pessoa dirige-se a Ricardo Reis por “você”. Servir-nos-á de inspiração.

A questão das formas de tratamento em português e a variação das mesmas têm sido fonte de discussões, mais ou menos acaloradas, em vários domínios de atuação social, desde estudos científicos sobre a matéria, até conversas entre amigos e familiares, ou interações em redes sociais. Muitas das pessoas que tomam partido são particularmente sensíveis à vulgarização do tratamento por “você”, usado não no sentido de informalidade do português brasileiro, mas, precisamente, com a intenção de produzir um tratamento um pouco mais formal, assegurando uma distância mínima entre os falantes, em oposição ao “tu”, genuinamente informal.

Como exemplo paradigmático da resistência ao “você”, poderemos reproduzir um dos muitos desabafos que o escritor Mário de Carvalho tem publicado no seu portal no *Facebook* (FB).

O autor de *Um Deus passeando pela Brisa da Tarde* “embirra” com o “você”. E as entradas do autor no FB provocam inevitavelmente trocas de centenas de comentários:

É natural que alguém, da minha geração e conhecimento, mesmo vago, me trate por você. Mas dá mau aspecto que o desconhecido que me atende atrás dum balcão, me trate por «você» sem me conhecer de nenhum lado. É coisa que pode pedir LIVRO DE RECLAMAÇÕES. Suporta-se - à conta de suposta ignorância (paternalismo...) - que o Homem

do lixo nos trate assim. Mas já o tipo do supermercado, ou um bancário.... Enfim...

Os mais jovens (assim fui eu, Hélàs!) apostam (e, às vezes sai-lhes caro...) num tratamento igualitário. Depois, vão percebendo que há muitos matizes. Não se dizem palavrões em frente dos pais, nem dos avós. Tratar os avós por tu é uma opção de família. Mas isso não implica falta de respeito nem impõe excesso de intimidade. Cada mocho a seu souto.

A Língua está cheia de subtilezas? Pois, é velha. É a nossa!<sup>2</sup>

Ao decidirmos estudar as formas de tratamento no português europeu (PE), sabíamos que o tema era complexo. Lindley Cintra admite essa complexidade. Escreve o autor, logo no primeiro parágrafo da sua obra dedicada ao tema: “é bem conhecida a estranheza que causa no falante de outra língua moderna europeia a complexidade do sistema das formas de tratamento em português” (Cintra, 1972, p. 7). Essa complexidade gera dúvidas, quer a estrangeiros<sup>3</sup>, que querem aprender português, quer aos falantes que têm o português como língua materna. E outros linguistas concordam com Cintra:

(...) estas dúvidas, maioritariamente do nível pragmático, são sentidas quer por estrangeiros que aprendem português, quer por falantes de português como língua materna. Na sua base está o facto de o locutor não saber adequar a forma própria ao destinatário que com ele se relaciona social e linguisticamente. (Duarte, 2011, p. 85)

A complexidade deriva da profusão de formas de tratamento e da variação no uso das mesmas, codificadas, quer com a relação social entre o locutor e o interlocutor, quer também com o contexto, com a diferença de idades, de género, etc. Maria Helena Araújo Carreira salienta essa complexidade, que se materializa a um duplo nível - morfossintático e discursivo:

A designação do outro ou de si próprio constitui uma zona incontornável na aprendizagem de qualquer Língua. O sistema das formas de tratamento do Português, nomeadamente europeu, é de grande complexidade, não só quanto às formas e seu funcionamento morfossintático, mas também - e sobretudo - quanto à adequação dessas formas ao contexto. (Carreira, 2004, p.1)

2. Publicação no FB de Mário de Carvalho do dia 14/08/2022, disponível em: <<https://www.facebook.com/mario.decarvalho.319>> [data de acesso 22/03/2023].

3. As diferenças do sistema de formas de tratamento no Brasil tornam ainda mais difícil a aprendizagem.

Uma das formas geradoras de maior confusão é o “você”. Não por acaso, “os manuais de Português para estrangeiros não são consensuais no que respeita à descrição dos usos deste pronome em português” (Guilherme & Bermejo, 2015 p. 170). Aliás, mais do que não serem consensuais, são contraditórios. E, por isso, segundo alguns deles, “você” é um pronome cujo uso é bastante complexo e, como tal, deverá ser, pura e simplesmente, evitado por estrangeiros.

As dificuldades do sistema são, muitas vezes, também visíveis na área da tradução a partir do português, porque, frequentemente, a língua de chegada não possui formas equivalentes.

A título de mero exemplo, podemos considerar as formas nominais “Senhora Maria”, “Dona Maria”, “Senhora Dona Maria”<sup>4</sup>, que são tudo menos equivalentes. São graduadas socialmente e a forma mais adequada depende da relação de nível social entre o falante e a interlocutora. António Lobo Antunes alude a este emaranhado de regras numa entrevista que deu a Maria Luísa Blanco:

As regras entre as classes são muito complicadas. Se damos um tratamento excessivo à mulher que ajuda na limpeza ela pode ficar incomodada, mas se o damos por baixo também, porque pensa que estamos a humilhá-la. Quem adquiriu o estatuto de dona, fica furiosa se é tratada por senhora, mas se é tratada por senhora dona também fica furiosa... (Blanco, 2002, p. 100)

Uma passagem de Ponce de León (2008) sobre a *Gramática Elemental de la Lengua Portuguesa*, de Francisco Carrillo Guerrero, publicada em Heidelberg em 1911, parecer-nos-á quase anedótica:

El “usted” castellano [se traduce en Portugal] por Vossa Excellencia [...]: ó por Vossa Senhoria [...], en plural Vossas Excellencias ó Vossas Senhorias, usando el verbo en 3 a persona del singular ó del plural. En el Brasil se traduce “usted” por Vossa Mercê [...] del que se ha formado en el trato familiar Vossmecê y Vozê, y en ambos países se dice el o senhor, a senhora; ej: que diz o senhor? ¿Qué dice V.? Por consiguiente ¿Tiene V.? Se traduce por Tem V.M cê ó V. S a? [...] El tutearse no se usa sino en el trato íntimo, y no siempre. El

4. Como veremos, a subtilidade da diferença entre estas 3 formas tem-se atenuado e parece haver uma tendência, no presente, para se esbater.

tratamiento puede preceder ó seguir al verbo: o senhor deseja, tem, está...? etc. (Carrillo Guerrero, 1911, pp. 41- 42, *apud* Ponce de León, 2008, pp. 121-122).<sup>5</sup>

Mas a complexidade é apenas uma face da moeda. Alguns autores acentuam a possibilidade que o sistema português, com a sua flexibilidade, dá ao locutor para gerir e modular, no tempo e no espaço, a distância com quem fala. Em português europeu, temos o “tu” informal e depois um extenso leque de opções, desde esse “tu” até ao grande formalismo de formas cerimoniosas como “Vossa Excelência” (ver Tabela 1 na secção 2). O *Sistema de Formas de Tratamento no Português Europeu* (SFTPE), analisado na secção 2 deste trabalho, está, todavia, num processo de variação e de mudança, que propicia uma grande instabilidade, como referem todos os linguistas que estudaram o tema.

Como refere Allen (2019, p. 3), inquéritos recentes, realizados já neste milénio, provam existirem variações ligeiras quanto às escolhas das formas de tratamento, por parte de falantes de faixas etárias mais jovens e mais velhas, o que indicia a variação em curso, que parece poder vir a conduzir à mudança. São também facilmente observáveis variações no território, em particular entre zonas urbanas e rurais, mantendo as zonas rurais formas mais antigas. E há ainda variações no uso das classes sociais. Teremos oportunidade de abordar, mais adiante, algumas destas questões.

As formas de tratamento têm também, como se sabe, um enquadramento teórico na disciplina da Sociolinguística Interacional, no quadro da chamada *Teoria da Cortesia*, mas deixaremos de fora, neste trabalho, um aprofundamento nessa área, recorrendo a ela apenas na medida que dela necessitarmos como sustentáculo do nosso texto.

5. Tivemos conhecimento desta passagem através do estudo de Duarte (2010, p. 134), em que a autora reflete sobre as formas de tratamento como um item gramatical no ensino do Português Língua Materna.

Na Secção 2 desta reflexão, descrevemos o SFTPE, tal como ele se apresenta no presente. Na secção 3, elaboramos um retrato diacrónico das formas de tratamento no português europeu. Na secção 4, apresentamos uma pequena recolha de dados, que alicerça em evidências reais algumas das nossas observações. Na secção 5, apresentamos as nossas conclusões.

## **2. O SISTEMA DE FORMAS DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO**

No plano morfossintático, Cintra (1972) classifica as formas de tratamento como 1) pronominais (tu, você, vocês, Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Senhoria), 2) nominais (o senhor, a senhora, o doutor, a doutora, dona + nome(s), o senhor ministro, o pai, o Carlos, a minha amiga, etc.) e 3) verbais (“tu fazes” – reduzido a “fazes”, “você/o senhor faz” reduzido a “faz”). Realmente, a língua portuguesa apresenta a característica especial de o verbo poder aparecer sem sujeito pronominal ou nominal exposto (Cintra, 1972, pp. 11-12), particularidade designada como “propriedade do sujeito nulo”. E, como veremos, esta particularidade poderá ser de uma enorme valia no sistema das formas de tratamento do PE.

Ao contrário de outras línguas europeias, que apresentam dois ou mesmo só um paradigma, Cintra identifica, nas formas de tratamento em português, três paradigmas pragmáticos:

1. Formas próprias da intimidade: tu;
2. Formas usadas no tratamento de igual para igual ou de superior para inferior e que não implicam intimidade: você;
3. Formas de deferência e cortesia com diversas gradações quanto a distâncias de natureza diversa entre os interlocutores: Vossa Alteza, Vossa Excelência, o(a) senhor(a), o(a) senhor(a) dr.(a), o António, a Maria, o senhor António, a senhora Maria, a dona Maria, etc. (Cintra, 1972, pp. 11-14).

As formas de tratamento, em português europeu, podem ser analisadas e classificadas segundo outros critérios, para além dos já citados critérios morfossintáticos, são eles os critérios sintáticos: sujeito (nominativo), vocativo (apelativo) ou objeto (acusativo, dativo) e os critérios de referência enunciativa: elocução, alocação ou delocução, tal como salientado por Carreira (1997; 2017, entre outras) e, mais recentemente, por Allen (2019, p. 29).

Os tratamentos nominais são extremamente variados em PE: nome próprio e/ou apelido, nome de parentesco, nome de profissão, nome de relação afetiva, título honorífico ou académico, indicativo de idade ou de género, insulto, alcunha. Em rigor, é um sistema aberto, ao contrário do sistema pronominal, que se restringe aos pronomes existentes.

A *Tabela 1*, que adaptámos e ampliámos a partir de uma tabela de Allen, sistematiza, de alguma forma, a variedade possível de formas de tratamento: pronominais, nominais e verbais, quer como nominativo (sujeito), quer como vocativo, ou como complemento: acusativo, dativo ou ablativo.

Função Sintáctica	Nominativo		Vocativo		Acusativo		Dativo		Ablativo	
TIPO	S	PL	S	PL	S	PL	S	PL	S	PL
<b>Pronominais</b>										
<b>Tu / Vós</b>	Tu dá's?	Vós dais?	Tu, dá!	Vós, dai!	Convida-te	Convida-vos	Dou-te	Dou-vos	contigo	convosco
<b>Vós / Vós</b>	Vós dais?	Vós dais?	Vós, dai!	Vós, dai!	Convida-vos	Convida-vos	Dou-vos	Dou-vos	convosco	convosco
<b>Você / Vocês</b>	Você dá?	Vocês dão?	Você, dê!	Vocês, dêem!	Convida-o	Convida-os	Dou-lhe	Dou-lhes	com você	com vocês
<b>Nominais</b>										
<b>Nome</b>	O Zé dá?	Os Zés dão?	Zé, dá!	Zés, dai!	Convida o Zé	Convida os Zés	Dou ao Zé	Dou aos Zés	com o Zé	com os Zés
<b>Ind. idade/género etc.</b>	O menino dá?	Os meninos dão?	Menino, dê!	Meninos, dêem!	Convida o menino	Convida os meninos	Dou ao menino	Dou aos meninos	com o menino	com os meninos
<b>Senhor(a) /Senhores(as)</b>	O senhor dá?	Os senhores dão?	Senhor, dê!	Senhores, dêem!	Convida o senhor	Convida os senhores	Dou ao senhor	Dou aos senhores	com o senhor	com os senhores
<b>Título académico</b>	O senhor doutor dá?	Os senhores doutores dão?	Senhor doutor, dê!	Senhores doutores, dêem!	Convida o senhor doutor	Convida os senhores doutores	Dou ao senhor doutor	Dou aos senhores doutores	com o senhor doutor	com os senhores doutores
<b>Honoríficos</b>	Vossa Excelência dá?	Vossas Excelências dão?	Vossa Excelência, dê!	Vossas Excelências, dêem!	Convida Vossa Excelência	Convida Vossas Excelências	Dou a Vossa Excelência	Dou a Vossas Excelências	com Vossa Excelência	com Vossas Excelências
	2ª Pessoa					3ª Pessoa				
<b>Verbais</b>	S		PL		S		PL			
	Dás o livro?		Dais o livro?		Dá o livro?		Dão o livro?			

Tabela 1 - Formas de tratamento no português europeu contemporâneo, adaptada e ampliada de Allen (2019, p. 32)<sup>6</sup>

6. No seu estudo, Allen (2019) refere que a fonte da sua tabela é a tese de doutoramento de Rita Faria (2009), intitulada *O fenómeno da delicadeza linguística em Português e em Inglês*, apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Na nossa tabela, uma adaptação das sínteses das duas autoras, usámos, por uma questão de

economia, formas muito sintéticas, como exemplos. São fórmulas mínimas, sempre com o verbo “dar”, exceto nos exemplos com acusativos, em que optámos pelo verbo “convidar”, por parecer pouco natural nesses casos usar “dar”, por exemplo “Dou-te”.

7. A presença de uma interjeição a acompanhar o vocativo produz efeitos semântico-pragmáticos dignos de nota. Este aspeto não será, todavia, objeto de estudo neste trabalho.

As formas de tratamento nominais podem ser acompanhadas de determinantes (definido e/ou possessivo, e.g. meu amor), de adjetivos (e.g., menino bonito) e/ou criar formas de tratamento mistas (e.g., senhora professora). Um determinante pode aumentar ou reduzir o nível de cortesia da forma de tratamento. No caso dos vocativos, os tratamentos podem ser acompanhados de partícula interjetiva<sup>7</sup>.

Muitas vezes, as formas de tratamento, no plano semântico-pragmático, são representadas num sistema biaxial. Estas podem ser colocadas num espaço 2D, definido por um eixo horizontal, em que se marca uma distância de conhecimento, familiaridade, proximidade, e por um eixo vertical, em que se mede a distância de hierarquia, de formalidade, de respeito e de poder entre os dois interlocutores. Estas duas distâncias vão, em grande medida, determinar quais as formas de tratamento que devem ser usadas. Utilizaremos este modelo 2D, já sugerido por Carreira (1997, cap. 2; 2004, p. 3), na interpretação dos nossos dados, na secção 4.

Além das diferentes hierarquizações denotadas pelas formas de tratamento, há que considerar também a regulação do grau de familiaridade ou de distância que essas formas permitem. Em estudo desenvolvido sobre esta questão (Maria Helena Araújo Carreira, 1997, cap. 2) proponho dois eixos organizadores do conjunto das formas de tratamento: um eixo vertical, reunindo as diferentes hierarquizações, um eixo horizontal, correspondendo ao grau de distância ou de familiaridade expresso (ou sugerido) (Carreira, 2004, p. 3)

Os pioneiros da teoria do tratamento, Roger Brown e Albert Gilman identificaram, nos já distantes anos 60 (Brown & Gilman, 1968), duas formas de tratamento-tipo: as formas T (próprias da informalidade) e as formas V (próprias da formalidade, da distância entre os falantes e de uma interrelação de poder)<sup>8</sup>. Mas, tal como adverte Allen, “o sistema de formas de tratamento do português europeu contemporâneo não se submete a este sistema binário” (Allen, 2019, p. 2). Nas palavras de Cook, “um formato binário de escolhas V e T é insuficiente para

8. T e V derivam dos tratamentos latinos correspondentes “Tu” e “Vos”.

o caso português, onde também está em causa uma dimensão de neutralidade.” (Cook, 1997, p. 458). Segundo Cook, e também Allen, o sistema português caracteriza-se por ser triádico, existindo nele três formas-tipo T-N-V, em vez de T-V. 1) T-Tuteamento: por “tu”; 2) N-Voceamento: por “você” (identificado através da letra N por significar “Neutro”; 3) V-Voseamento: por “vós” ou por “o senhor” (Allen, 2019, p. 48). Em N e V existe um extenso leque gradual de formas de tratamento, que os tornam particularmente complexos, mas, ao mesmo tempo, aliantes para investigação. A forma “vós” parece estar a cair em desuso no português europeu (com exceções em algumas áreas do Norte e das Beiras e em tipos muito específicos de discurso, por exemplo religioso). Já a forma “você” levanta muitas questões, que põem em causa a sua neutralidade, como veremos.

Parece haver uma tendência, no Português Europeu, para normalizar todas as formas de tratamento na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural, com exceção da forma de 2.<sup>a</sup> pessoa familiar “tu”, o que teve e continua a ter impactos visíveis na morfologia e na sintaxe, criando casos de disparidade entre forma e função e originando alguns paradoxos sintáticos.

### **3. A PERSPETIVA DIACRÓNICA DAS FORMAS DE TRATAMENTO**

Cintra juntou à sua perspetiva sincrónica das formas de tratamento uma perspetiva diacrónica (Cintra, 1972, p.16). Ainda bem que o fez, pois, sem tal reflexão, a situação no presente seria difícil de compreender.

Muitos autores salientam a importância do contexto histórico e cultural na evolução das formas de tratamento. Com efeito, as formas de tratamento, juntamente com a importância e a variedade das formas de cortesia, são um produto ideológico. Elas refletem o que é

considerado politicamente correto em cada momento histórico e cultural. Assim, para compreender o SFTPE contemporâneo, é necessário atentar na forma como este evoluiu, ligado a cada contexto histórico e político. Faraco dá precisamente voz a esta necessidade:

(...) relativizar a crença de que os fatos linguísticos só têm condicionantes linguísticos; e abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a ideia de que a heterogeneidade social e mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua. Acreditamos que a história das formas de tratamento em português – tema deste estudo – fornece um exemplo interessante da fertilidade da exploração das intersecções. (Faraco, 2017, p. 114)

As mudanças sociais podem conduzir a mudanças na língua, em particular nas formas de tratamento, que nos interessam aqui, e essas mudanças podem desencadear um conjunto de alterações, em que a língua procura um novo ponto de equilíbrio. A história das formas de tratamento em Portugal parece constituir um bom objeto de observação dessas influências entre o social e a língua.

Regressemos a Cintra. A *Figura 1*, que construímos de acordo com o que o linguista escreveu no seu livro, sistematiza os principais marcos temporais de mudança e a evolução de cada forma, ao longo dos séculos, desde o período anterior à elaboração do português.

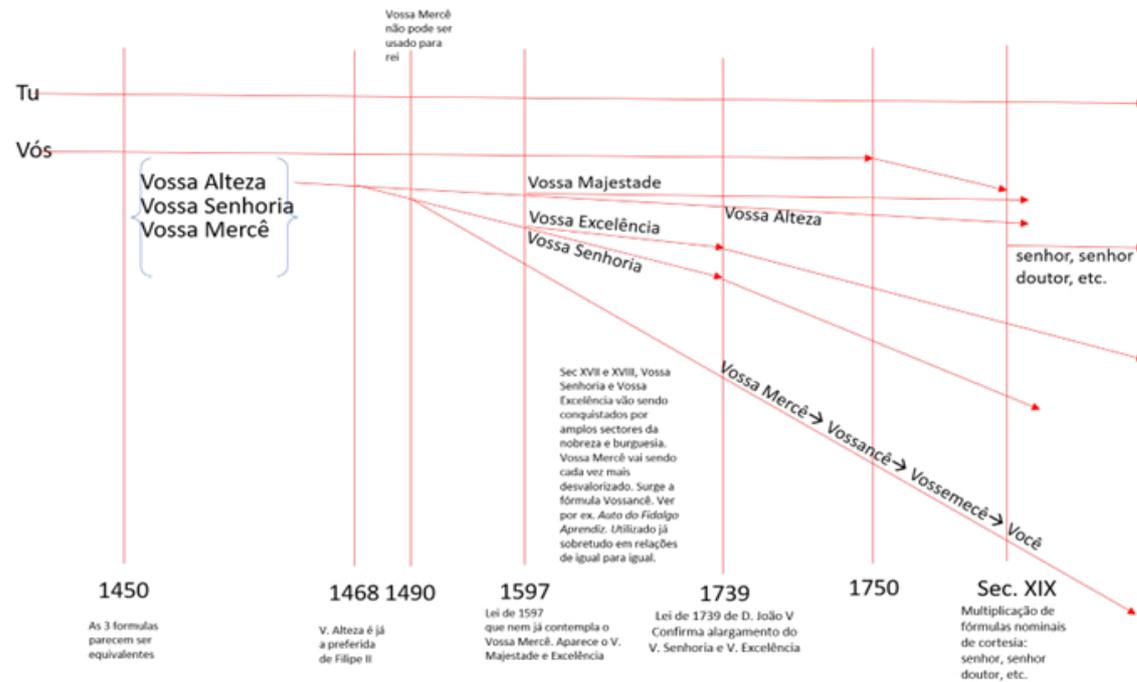


Figura 1 - Diagrama temporal das formas de tratamento em Portugal, baseado em Cintra (1972)

Como nos mostra a *Figura 1*, só o “tu” parece ter conservado o seu valor semântico, ao atravessar os séculos<sup>9</sup>.

Segundo Cintra, em Portugal, até ao século XIV, apenas existiam duas formas de tratamento: “tu” para o familiar, “vós” para o de cortesia. Como é óbvio, o “vós” partilhava o uso no singular com o plural de familiaridade e de não familiaridade. Em suma, a língua conservava as duas formas de tratamento do latim, tal como aconteceu em outras línguas românicas.

No galego, ou no também chamado galego-português, não havia tratamentos nominais. Era tudo muito simples: “tu” ou “vós” acompanhados de sintagmas verbais nos tempos verbais da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural, tal como no latim.

9. Se olhássemos para o português do Brasil esta conclusão seria diferente.

Um inferior dirigir-se-ia em V a um superior, mas este dirigir-se-ia a aquele em T. Os indivíduos de classes diferentes relacionar-se-iam, portanto, em disreciprocidade de forma de tratamento. Entre iguais haveria reciprocidade, em T para indivíduos das classes baixas e em V para indivíduos das classes alta. (Cook, 1997, p. 454)

Havia, assim, uma identificação clara com o modelo T-V, regras precisas de como o usar e não havia necessidade social de uma forma N.

A premência de criar tratamentos de cortesia elaborados, assentes numa hierarquização rígida da sociedade, parece só ter acontecido com as transformações políticas que ocorreram no final do século XIV, com a mudança do centro de poder da aristocracia do Norte para o Sul.

Nos finais do século XIV Portugal ganha uma nova capital. A revolução de 1383-1385, ao determinar a queda da antiga nobreza setentrional, determina, também, uma rejeição das suas características linguísticas, substituídas pelas da região em que a nova corte se instala, a área koinizada centro-meridional, centrada em Lisboa. A partir daqui, está decidida a localização da norma. (Cardeira, 2008, p. 17)

Depois de Aljubarrota, e da derrota da facção nortenha, que se aliara a Castela, Lisboa passou a ser definitivamente o lugar da corte e do poder, e o lugar de elaboração da língua. Com isto, a aristocracia nortenha de entre Douro e Minho perdeu influência, sendo substituída por uma “arraia-miúda”, nas palavras de Fernão Lopes, a quem D. João I vai atribuir títulos de Conde e de Duque e oferecer terras e poder a sul. Essa arraia-miúda teria sentido necessidade de vincar a sua nova condição e os tratamentos honoríficos eram uma forma de o mostrar publicamente (Faraco, 2017).

Segundo Faraco (*ibidem*), temos de entender estes acontecimentos no contexto das mudanças sociais em curso em toda a Europa. Nos séculos XIII e XIV, assiste-se a um rearranjo social, com o crescimento da produção artesanal e do comércio. Forjava-se uma nova estrutura social,

centrada nas cidades, e nascia uma nova classe social, a burguesia, que em Portugal se colocaria ao lado do Mestre de Aviz, que apoiaria o empreendimento colonial, iniciado em 1415 com a conquista de Ceuta, e que, em menos de um século, transformaria Portugal num vasto império. A velha estrutura feudal, centrada a norte, desmoronava-se, e ascendia uma nova burguesia urbana, que apoiava uma centralização do poder no rei. (Faraco, 2017, p. 117)

Tais transformações económicas, políticas e sociais causaram um forte impacto na vida cortesã, com um elevado número de pessoas a viver à volta do rei e da corte, provocando fortes mudanças nos usos sociais: “O protocolo da corte, por exemplo, tornou-se extremamente elaborado e formal... Novos padrões de vestuário, de alimentação e de tratamento do interlocutor foram introduzidos entre a nova aristocracia.” (Faraco, *ibidem*), acompanhando a riqueza e a sumptuosidade que o comércio e o império trouxeram ao país:

E a língua – o mais sensível indicador das mudanças sociais, nas palavras de Bakhtin/Voloshinov – não poderia deixar de se adaptar à nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos que, reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas... se uma sociedade passou ou está passando por rápidas mudanças que se refletem nas relações interpessoais possíveis, pôde-se esperar que mudanças linguísticas na área do tratamento venham a ocorrer, com possíveis consequências para outros aspectos da estrutura da língua. (Faraco, 2017, p. 117)

A língua mudou e, em particular, mudaram as formas de tratamento.

Cintra pôde analisar a evolução das formas de tratamento, primeiro nos cronistas, começando em Fernão Lopes, depois, nas atas das cortes, e, finalmente, no teatro, em particular nas comédias, que refletem muito bem a linguagem usada por todas as personagens-tipo, no dia a dia. O exemplo retirado do Auto de Inês Pereira de Gil Vicente ilustra qual o uso na época, sendo que já estávamos no século XVI.

*MÃE - Como queres tu casar / Com fama de preguiçosa?*

*INÊS - Mas eu, mãe, sam aguçosa / E vós dais-vos de vagar.*

Conclui Cintra, igualmente, que as novas formas de tratamento, “Vossa Alteza”, “Vossa Senhora” e “Vossa Mercê”, introduzidas no século XV, em ambiente régio, como se vê na Figura 1, tiveram sobretudo origem em Castela e em Itália<sup>10</sup>.

10. “Normalmente, assume-se que Vossa Mercê é de origem ibérica, enquanto Vossa Senhora é de origem italiana” (Faraco 2017, p.118).

Os tratamentos “Vossa Alteza”, “Vossa Senhora” e “Vossa Mercê” parecem ser, então, equivalentes em importância e só nomeiam o rei, e muito raramente, já que o simples “vós” continua a dominar. As fórmulas nominais intensificar-se-ão já no cronista oficial seguinte, Gomes Eanes de Zurara (Cintra, 1972, p. 20). Mas, numa carta de Zurara a D. Afonso V, em 1453, o cronista continua a usar indiscriminadamente “Vossa Alteza”, “Vossa Senhora”, “Vossa Mercê” e o simples “Vós” para se dirigir ao rei. (Cintra, 1972, p. 21).

A transformação do regime pedia novas formas de tratamento que diferenciasssem de forma clara o rei e o seu poder:

O rei (visto agora não apenas como o chefe militar dos tempos da Reconquista) transformou-o numa personagem social única, para quem a criação de novas formas diferenciadas de tratamento se apresentou como necessidade (Faraco, 2017, p. 118)

A alteração das formas de tratamento foi acontecendo, à medida que o novo regime se consolidava.

Os textos das cortes mostram que “novas formas de tratamento do rei rapidamente se multiplicaram, especialmente durante o longo reinado de Afonso V (1438-1481). Em 1434, Vossa Senhora, ocorreu pela primeira vez nos textos das Cortes; em 1442, Vossa Majestade; em 1450, Vossa Alteza; e, em 1455, Vossa Excelência” ... As formas Vossa Mercê e Vossa Senhora foram, certamente, criações medievais. Elas estão relacionadas a duas das mais importantes instituições medievais: a mercê do rei, relacionada particu-

larmente com a distribuição da justiça e com a proteção real; e o senhorio, isto é, o poder feudal, relacionado com a posse de vastas extensões de terra e com o instituto da vassalagem. (Faraco, *ibidem*)

Outro aspeto curioso é serem esses tratamentos honoríficos ainda associados à 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: “...stando Vossa Mercee o anno passado em esta cidade, me dissestes...” (in *Crónica X* de Gomes Eanes de Zurara). Mas a 3.<sup>a</sup> pessoa chegaria para todas estas novas formas de tratamento, tendo como resultado oferecer duas soluções sintáticas para o tratamento cerimonioso.

Nos séculos seguintes, todos os estratos da aristocracia recém-promovida e da burguesia recém-enriquecida tentam alcançar tratamentos honoríficos, que os valorizem, e estes adquirem uma gradação de importância (como se vê na *Figura 1*), conquistam uma especialização, e, assim, cada escala social procura aceder ao tratamento adotado para a escala acima, como forma de ascensão social. A *Tabela 2*, sintetiza a evolução no tratamento do rei.

	1455	1472-3	1477	1481-2	1490
Vossa Alteza	44%	50%	54%	69%	99%
Vossa Senhoria	37%	13%	28%	24%	1%
Vossa Mercê	19%	37%	18%	7%	-

Tabela 2– Percentagem das formas honoríficas para o rei (citado por Faraco, 2017, p. 119)<sup>11</sup>

11. Tabela original de Santos Luz (1956, p. 362)

Como lemos em Cintra (1972), o uso destas formas de tratamento honoríficas generaliza-se. E a sua generalização é tal que, por duas vezes, o rei sentiu necessidade de legislar sobre elas, a primeira, em 1597, por D. Filipe II, e depois, em 1739, por D. João V, para evitar abusos na sua utilização. Cada um não poderia usar formas de tratamento a que não tivesse socialmente direito. Mas o alargamento conduziu a uma contínua desvalorização das formas de tratamento, que tinham sido inicialmente reais. Os mais baixos na escala social procuram alcançar as

formas de tratamento dos que estão acima, esses procuram o mesmo, ou sentem necessidade de novas formas que os diferenciem dos que se lhes pretendem equiparar, confirmando as ideias de Brown e Gilman (1968, p. 267): “We have noticed that mode of address intrudes into consciousness as a problem at times of status change (...) In a fluid society crises of address will occur more frequently than in a static society.”

Depois da sua viagem através do tempo, no final do seu ensaio, Cintra lista as principais tendências de variação que observa nas formas de tratamento:

- a) A diminuição no uso de “Vossa Excelência”.
- b) O alargamento do uso do “tu”, como uma forma de tratamento igualitário, e da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular que o “tu” exige.
- c) O alargamento do uso do “você”, perdendo o carácter despectivo, mesmo com valor afetivo, até mais íntimo do que “tu”, como aconteceu no Brasil, não parecendo, no entanto, ter força para extinguir o “tu”, cuja tendência de expansão é ainda mais forte.
- d) Uma progressiva diminuição e simplificação de formas de tratamento nominais, baseadas numa rígida escala social. (Cintra, 1972, pp. 40-41)

Todas as tendências intuídas por Cintra parecem hoje mais ou menos indiscutíveis, exceto a previsão que faz para o “você”, que parece ter falhado. O “você” permanecerá, como veremos, num limbo de indefinição, criando dificuldades de análise e de previsão linguística. Não perdeu o carácter despectivo, nem se tornou afetivo.

Allen acentua a ainda instabilidade do sistema, “(...) os investigadores apontam que se encontra numa fase de instabilidade e mudança, manifestando-se por indecisões quanto à escolha da forma de tratamento a utilizar e oscilações de uso.” (2019, p. 45-46) e refere dois grupos de tendências: a) *Tendências de desuso*, ou seja, formas que estão num processo de desapare-

cimento, como por exemplo “Vossa Senhoria”; b) *Tendências de generalização*, por exemplo expansão do uso do “tu” e do “você” e da utilização da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular quando há cerimónia (*ibidem*, p. 48).

Entretanto, ocorreu a erosão fonética do “Vossa Mercê”, que acompanhou a erosão funcional:

Vossa Mercê -> Vossancê -> Vossemecê -> Você -> Cê (português do Brasil)<sup>12</sup>

A substituição das formas de tratamento criou “uma espécie de conflito entre função (referência à segunda pessoa do discurso) e gramática:

(...) as expressões Vossa + N ocorriam tanto com formas da segunda pessoa plural do verbo, quanto com formas de terceira pessoa do singular (algumas vezes a variação se dava no interior do mesmo enunciado) (Faraco, 2017, p. 125)

Faraco cita muitos exemplos de textos do período de transição, em que tal incongruência acontecia (Faraco, 2017, p. 125-126), tal como Cintra também tinha feito: “Vossa Mercee me disseste quanto desejavaes”<sup>13</sup> (Cintra, 1972, p. 21), na carta-crónica da Guiné de Zurara, de 1453.

Num período de cerca de quatrocentos anos, entre os séculos XIV e XVIII, o sistema de tratamento no português mudou muito, substituindo o sistema dual latino “tu/vós” por um sistema novo, em parte paradoxal, em que as novas formas de tratamento se combinam cada vez mais com a terceira pessoa do verbo, em vez da segunda pessoa. Este aparente paradoxo terá raízes na mudança semântica das formas de tratamento. A evolução para a 3.<sup>a</sup> pessoa é compreensível, se a forma se refere não à pessoa à nossa frente, mas a uma sua qualidade, à sua Mercê, à sua Alteza ou à sua Majestade. Esse paradoxo é particularmente evidente no presente em “você/vocês”, transformado num novo pronome de segunda pessoa, mas conjugado na 3.<sup>a</sup>.

12. Segundo Faraco (2017, p. 120) haveria dezoito formas diferentes registadas em Nascentes (1956, p. 119-21).

13. In *Crónica Dos Feitos de Guiné* de Gomes Eanes de Zurara.

A queda do “vós” aparece neste contexto – na segunda metade do século XVIII era já arcaico, segundo Cintra – e facilita a migração de todas as formas de tratamento para a 3.<sup>a</sup> pessoa. Mas, a procura de uma maior neutralidade no tratamento, se acontece hoje, não seria possível em tempos de forte hierarquização social, em que a omissão do “vós” ou do título explícito seria considerada inaceitável.

(...) a omissão era uma opção de tratamento mal vista na sociedade altamente hierarquizada do passado em Portugal que consideraria uma «tentativa de evasão ao cumprimento do dever de observar a forma de tratamento reconhecida para cada camada social. (Cook, 1997, p. 453 *apud* Allen, 2019, p. 49)

As formas de tratamento evoluem no seu valor pragmático e, no final do século XVIII, início do século XIX, surgem novas fórmulas de sujeito nominal, construídas com “senhor”, por exemplo “senhor doutor”, que se tornarão muito usuais, como se observa na *Figura 1*. Segundo alguns autores, nomeadamente Cintra (1972, p. 33), foi a degradação progressiva do pronome “você”, que foi perdendo leitura de cortesia, a par do desaparecimento do “vós”, que criou condições para a erupção forte dos tratamentos cortesês “senhor(a)” no século XIX. Estes começaram a aparecer também acompanhados de outras formas nominais: senhor doutor, senhor arquiteto, senhor engenheiro...

A inexistência de formas de tratamento que não fossem de certo modo ambíguas, como o você, para situações de maior polidez e para um interlocutor individual fez com que emergissem novas estruturas de cortesia. Estas formas, na sua maioria estruturas nominais, existem até ao momento e são amplamente utilizadas, sendo formas como o senhor/a senhora as mais comuns... A extrema generalização de você(s) provocou pela sua vez novas formas V (o senhor) que substituíssem o valor original de você. (Guilherme & Bermejo, 2015, p. 169)

### 3.1. A SITUAÇÃO PRESENTE

As oscilações atuais, que parecem tender para um sistema mais igualitário, eliminando muitas das formas hierarquizadas arcaicas, poderão estar associadas a uma construção democrática tardia em Portugal, atrasada por 48 anos de ditadura, que preservou formas de tratamento fortemente hierarquizadas. A flutuação, a hesitação, a oscilação do sistema é acompanhada naturalmente pela indecisão quanto à forma adequada a cada tipo de interação, tal como salienta Duarte:

A maior parte das dificuldades é de tipo pragmático e decorre de o locutor não saber adequar a forma própria ao destinatário que com ele se relaciona social e linguisticamente (...) as formas de tratamento, como sabemos, são uma zona sensível de mudança linguística por estarem muito dependentes de variáveis sociais em plena evolução. (Duarte, 2011, p. 85-88)

O resultado da transformação secular foi o desuso de algumas instâncias V, em particular as mais sofisticadas, que quase se extinguíram, o que traduz uma preferência pelo uso de formas de tratamento menos formais e reverenciais em Portugal e, como o estudo de Allen mostra, verifica-se também uma “produtividade menor no fim do século para formas indicativas de idade, género, etc.” (Allen, 2019, p. 125), ou seja, há uma tendência para diminuir a influência de todas as diferenças entre os dois falantes em comunicação nas formas de tratamento. Há também uma tendência para reduzir formas nominais que se desenvolvem no século XIX, como “senhor doutor” ou “senhor professor” (Cintra, 1972, p. 38), a simplesmente “doutor” e “professor” (Allen, 2019, p. 137), todas integradas na 3.<sup>a</sup> pessoa, em vez da segunda, tornando-se também frequente, já no século XIX, a fórmula da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito explicitado (Faraco, 2017, p. 123).

Foram as mudanças sociais e políticas em Portugal, que acompanharam a transformação de uma sociedade tradicional rural numa pós-tradicional moderna, que provocaram uma alteração das necessidades dos falantes portugueses, modificando as formas de tratamento (Allen, 2019, p. 123). Neste contexto de democratização e de procura de uma diminuição das diferenças de hierarquia nas formas de tratamento, parece adquirir importância a aquisição de uma forma neutra no quadro da adoção de um sistema triádico T-N-V para o PE: “A redução de fórmulas (...) facultava a efetivação da forma de neutralidade” (Cook, 1997, pp. 456-457). Essa forma neutra parecia poder ser oferecida, em teoria, pelo “você”. Alguns autores acreditam, como vimos, nessa missão. Veremos, no entanto, que não lhe é fácil assumir esse papel. Mas, por outro lado, a 3.<sup>a</sup> pessoa só por si, com omissão de formas nominais e pronominais, parece permitir estabelecer esse comportamento linguístico neutro, sem constrangimentos, podendo constituir a solução de que o T-N-V português precisava.

### **3.2. VOSSA MERCÊ E VÓS, CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS**

É verdade que já muita coisa escrevemos sobre “Vossa Mercê” e “vós”, mas a história destes dois tratamentos é particularmente interessante, por contemplar profundas evoluções semânticas, que parecem estar associadas a transformações sociais e políticas, e, por isso, regressamos a eles. Além do mais, “você” foi o ponto de partida para esta nossa viagem.

Gostaríamos de começar por dizer que, à partida, parece ser difícil aplicar o modelo triádico T-N-V ao português europeu contemporâneo, como alguns propõem, e que grande parte da dificuldade resulta dos problemas que o degradado “você” levanta, que dificilmente permitem considerá-lo como um puro tratamento neutro, conduzindo alguns falantes a uma solução engenhosa e aparentemente ambígua, porque vazia de pronome.

A evolução do “vós”, dentro do sistema global, como forma de tratamento cortês, tem de ser entendida como resultando da perda de espaço face aos diversos tratamentos nominais que foram criados e da modificação semântica do “você”. (Cintra, 1972, p. 35). Se havia fórmulas tão elegantes ao dispor do falante, usar “vós” começou a ser entendido como descortês ou antiquado. E, de alguma maneira, parte do lugar deixado vago pelo “vós”, foi ocupado pelo “você”, depois de este ter perdido o valor elevado inicial de “Vossa Mercê”, assumindo o lugar de “vós” em relações horizontais em que o “tu” seria exagerado. Esta passagem produz o efeito simplificador de trazer igualmente o verbo para a 3.<sup>a</sup> pessoa, conduzindo a uma perda gradual das 2.<sup>as</sup> pessoas plurais dos verbos. Com o “você” entrou o seu plural “vocês”, conduzindo a uma decadência mais lenta do “vós” com significado plural (Cintra, 1972, p. 38) e, de novo, a simplificação de se usar igualmente a 3.<sup>a</sup> pessoa dos verbos (no caso do “vocês, a 3.<sup>a</sup> do plural).

Mas o “você” parece constituir um dos focos de tensão no PE contemporâneo, criando muitas ambiguidades. O estudo de Lešková (2012, p. 55), apontado por Allen (2019), baseado num inquérito a 88 falantes do PE, revelou que 36.6% das pessoas inquiridas se sentiam ofendidas, quando abordadas por um “você”, e que mais de 50% responderam com veemência que nunca usavam “você”. Noutro estudo, em que se procurava avaliar a aceitação/rejeição do “tu” e do “você” em vários contextos de simetria/assimetria social, Lopes e Mota concluíram: “A rejeição ao tratamento ‘você’, foi bastante relevante em termos gerais e se confirma em todas as faixas etárias” (Lopes & Mota, 2019, p. 155). Não nos parece que se possa desprezar estes resultados. Não será por acaso que existe o ditado popular “Você é estrebaria e é lá que você se cria”, muitas vezes sob a forma condensada “Você é estrebaria”.

O plural de “você”, “vocês”, acompanha o singular, como uma criação de novos pronomes na história da língua; o plural “vocês” para substituir o “vós” plural (Faraco, 2017, p. 123). Estes

pronomes são formas em ascensão, ainda que a extensão de uso de “você” e de “vocês” não seja simétrico no PE. (Aguiar & Paiva, 2017, p. 137). Não haverá simetria, nem no uso, nem na avaliação de cortesia. Segundo Aguiar e Paiva, “vocês” não tem uma avaliação negativa (Aguiar & Paiva, 2017, p. 137). Duarte escreve algo equivalente: “em PE, os problemas de inadequação do uso de «você» só se põem no singular” (Duarte, 2011, p. 88). Estas observações carecem de estudos sociolinguísticos mais representativos que comprovem as avaliações subjetivas dos falantes face às formas em questão.

Aguiar e Paiva (2017), baseadas no *corpus* “Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense” (PSFB) (Barbosa *et al.*, 2014) extraem várias conclusões relevantes para o nosso estudo. Uma das conclusões é a de que o uso do “vós” plural persiste em Braga, embora também ali esteja a diminuir, sobretudo nas camadas mais jovens, indiciando a transição: “(...) esta forma de tratamento sobrevive como uma forma arcaica, preservada por mulheres mais velhas e com menor grau de instrução.” (Aguiar & Paiva, 2017, p. 149)<sup>14</sup>

Observa-se também que a mudança está numa fase mais avançada na forma nominativa “vós” do que nas formas de complemento, “vos” ou “convosco”, usadas com frequência, sendo mesmo predominantes e não gerando, nos falantes, problemas de contradição sintática: “As formas correspondentes de complemento vos e convosco são mais produtivas do que vocês, 19 em 23 ocorrências.” (Aguiar & Paiva, 2017, p. 142)<sup>15</sup>

A flutuação, em curso, faz com que haja aceitação, por exemplo, de fórmulas, aparentemente contraditórias, que aparecem no estudo, como: 1) “**Vocês tenham** cuidado, **sois** educadas para isso”, com dois verbos usando pessoas diferentes, ou 2) “Se vocês não arranjam por vossa...”, com o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa e o pronome possessivo na 2.<sup>a</sup>, ou 3) “Se não **conhecem** nenhuma

14. Embora as autoras detetem no PSFB casos de “vós” trocados entre falantes jovens, estes são quantitativamente pouco representativos. Note-se que procedemos à tradução das palavras das autoras, originalmente em inglês: “the low frequency and lexically constrained use of overt vós allow us to suggest that this form of address persists as an archaic form retained by older and less educated women.” (Aguiar & Paiva, 2017, p. 149)

15. “The corresponding complement forms *vos* (him, her) and *convosco* (with you) are more productive than *vocês* with 19 tokens out of 23.” (Aguiar & Paiva, 2017, p. 142)

empresa para estagiar, a escola não vos arranja um”, com o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa e o complemento indireto na 2.<sup>a</sup>. (Aguiar & Paiva, 2017, pp. 135-149).

Os resultados do estudo conduzido por Faria (2022), através de um inquérito a um universo de 107 estudantes, estão resumidos na *Tabela 3* e não parecem contrariar o estudo de Aguiar e Paiva. O “vós” resiste e, curiosamente, é, inclusive, considerado mais cortês pela maioria dos inquiridos.

	Vê-se a produzir mais naturalmente	Considera mais cortês
Vós	6,5%	70,1%
Vocês	80,4%	6,5%
Ambos	13,1%	23,4
Convosco	53,3%	58,9%
Com vocês	21,5%	8,4%
Ambos	25,2%	32,7%
Sentem-se nos vossos	70,1%	11,2%
Sentai-vos nos vossos	4,7%	49,5%
Sentem-se nos seus	25,2%	13,1%
Todos	-	26,2%

Tabela 3 – Adaptado de Faria (2022, p. 109)

### 3.3. “VOCÊ”, CONSIDERAÇÕES FINAIS

A erosão fonética do “Vossa Mercê” acompanhou a erosão semântica e, desde muito cedo, transformou-se na menos valiosa das formas de tratamento honorífico, que todos passaram a desdenhar.

No *Fidalgo Aprendiz* de Francisco Manuel de Melo, Dona Urraca reage ao tratamento:

*D. Urraca: Mercê? A mim, Mercê? Mercê? Maroto*

*Atrevido, insolente! Vai-te embora!*

Ou noutra cena:

*Afonso: Que manda Vossa Mercê?*

*Gil: Que tendeis mais cortesia!*

Ou seja, os estratos mais baixos da aristocracia e da burguesia já protestavam no século XVII, ao serem tratados por Vossa Mercê e exigiam “mais cortesia”.

Por outro lado, parece ser consensual que há, no presente, em Portugal, um achatamento do leque de formas de tratamento possíveis.

Não será por acaso, certamente, que Allen (2019), ao utilizar como fonte o CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público), constatou que as formas de tratamento com maior número de ocorrências nesse corpus são: “tu”, “você” e “senhor”, que, curiosamente, poderiam corresponder aos três níveis T-N-V, que identificámos no sistema de tratamento contemporâneo. Mas o “você” parece gerar resistências para desempenhar esse papel de tratamento neutral. Daí os protestos veementes de Mário de Carvalho e de muitas pessoas. Essas resistências contrariam a neutralidade, que alguns linguistas apontam:

(...) este valor neutro do pronome (você) parece não ser assim tão claramente entendido e julgado por muitos falantes. Isto é, tal neutralidade é até certo ponto questionável por muitos, na medida em que, no momento da seleção da forma de tratamento, é comum optarem-se por outras estratégias, nomeadamente, formas verbais de 3sg (sujeito nulo) ou grupos nominais. (Guilherme & Bermejo, 2015, p 170).

O “você” acumula duas características que de alguma maneira se opõem: é uma tentativa de conseguir uma forma igualitária no terreno, mas, simultaneamente, é uma expressão degradada no tempo e essa oxidação temporal poderá ainda gerar melindres, e ser considerada deselegante.

Com o “tu”, o “você”, e “o(a) senhor(a)”, acompanhado de título ou não, teríamos um sistema com três níveis claros, bem marcados, um sistema T-N-V, em vez da gradação subtil de níveis que caracterizava o português, pelo menos até ao século XIX. Não temos este sistema, porque o “você” é considerado deselegante por amplos setores. Quais são esses setores, onde se localizam, o que os caracteriza, está por definir. Seria um tema interessante para trabalhos futuros.

O português dispõe, todavia, de uma particularidade sintática, pelo facto de ser uma língua *Pro-Drop*, que parece poder acentuar essa neutralidade e um estatuto de igualdade no tratamento, ultrapassando a renitência que o “você” desperta. Tal como muitos autores têm salientado, basta omitir a forma pronominal “você” e usar os verbos na 3.<sup>a</sup> pessoa, para se ultrapassarem as resistências que o “você” continua a provocar.

Assim, não é realmente a mesma coisa dizer, por exemplo “Você quer um café?” ou “Quer um café?”. Vejam-se as palavras de Cook:

O sujeito nominal permite uma variada produção de significado de efeito social a diferentes níveis de formalidade e informalidade, enquanto que a omissão do mesmo conduz a um efeito de neutralidade que permite evitar uma tomada de posição dentro do contraste formal-informal. (Cook, 1997, p. 451)

A omissão da forma pronominal permite subentender qualquer uma das formas de tratamento corteses, porque nenhuma foi expressa e a 3.<sup>a</sup> pessoa verbal é comum a todas elas, exceto ao “tu”. Tal estratégia permite a qualquer dos interlocutores evoluir para outro tratamento

mais cortês ou regredir dele. Esta parece ser a opção dominante em amplos setores, tal como refere Allen, “(...) o uso de formas de sujeito nulo (...) é a estratégia mais produtiva (...), obtendo 297 ocorrências, contra 52 ocorrências de formas nominais e 20 ocorrências de você”. (Allen, 2019, p. 50)

Será que o uso frequente da terceira pessoa, sem sujeito explícito, traduz de alguma forma uma resistência ao uso do pronome “você”, em modo de neutralidade, podendo dificultar a sua generalização?

Um sistema com uma única forma de tratamento, que correspondesse a zero de distância na horizontal e na vertical, entre cidadãos iguais em direitos e em obrigações, poderá constituir uma utopia. Em contrapartida, um sistema trial claro, como parece ser possível desenhar-se no português, pode ter a vantagem de permitir aos interlocutores gerir a proximidade de um com o outro ao longo da(s) sua(s) interação(ões).

#### **4. ESTUDO DE CASO**

Nesta secção, procedemos à recolha e análise de um *corpus* de interações televisivas e radiofónicas, para 1) avaliar algumas características do uso do “você”; 2) testar a forma como a 3.ª pessoa se relaciona com outras formas de tratamento e 3) caracterizar o seu contexto de uso.

Numa primeira etapa, recolhemos e observámos um conjunto de seis interações televisivas e radiofónicas, descritas abaixo na *Tabela 4*. Essas interações cobriram um universo de situações, mais e menos formais, e com diferentes distanciamentos entre os interlocutores, nos eixos horizontal e vertical.

Numa segunda etapa, alargámos a amostra a mais sete casos e introduzimos uma variável para análise, a distância vertical entre os interlocutores, medida com base na relação de simetria/assimetria entre eles.

As interações incluíram 13 entrevistas - 6 entrevistas políticas e 7 entrevistas genéricas - totalizando um tempo de audição de cerca de 9 h. Estão todas devidamente referenciadas em 6.1.

Durante cada audição, contabilizámos e registámos as diferentes formas de tratamento usadas pelos interlocutores com os papéis interacionais de entrevistador e de entrevistado.

#### **4.1. ETAPA 1**

A Tabela 4 descreve os seis casos analisados na primeira etapa da recolha<sup>16</sup>.

16. Na tabela 4, I1 corresponde a “Interlocutor 1 - Entrevistador” e I2, a “Interlocutor 2 - Entrevistado”.

Tabela 4 – Lista de casos analisados na etapa 1

Caso	I1	I2	Tipo	Duração	Contexto
1	MST	AC	Entrevista Política	53' 45"	Género: entrevista política televisiva. I1: Miguel Sousa Tavares (MST), jornalista português conceituado; I2: António Costa (AC), Primeiro-Ministro de Portugal. Data e meio: 4 de outubro de 2021, TVI.
2	VC	MST	Entrevista	51' 29"	Género: entrevista televisiva genérica. I1: Vitor Crespo (VC), jornalista português conceituado; I2: Miguel Sousa Tavares (MST), jornalista português conceituado. Data e meio: 27 de junho de 2018, RTP.
3	DH	RR	Entrevista Política	15' 37"	Género: entrevista política televisiva. I1: Débora Henriques (DH), jornalista do canal de televisão SIC; I2: Rui Rio (RR), presidente do partido político PSD; em vésperas de eleições legislativas. Data e meio: 30 de Outubro de 2021, SIC.
4	MJA	ALX	Entrevista	54' 06"	Género: entrevista genérica radiofónica em vídeo. I1: Maria João Avillez (MJA), conhecida jornalista portuguesa; I2: António Lobo Xavier (ALX), dirigente de um partido político português de direita (CDS-PP). Data e meio: 3 de fevereiro de 2019, Observador.
5	JP	JS2	Entrevista	43' 51"	Género: entrevista televisiva genérica. I1: Júlia Pinheiro (JP), conhecida apresentadora portuguesa de programas de entretenimento; I2: João Soares (JS2), destacado militante português do PS. Data e meio: 11 de março de 2022, SIC.
6	MJA	ASS	Entrevista Política	56' 42"	Género: entrevista política radiofónica em vídeo. I1: Maria João Avillez (MJA), conhecida jornalista portuguesa; I2: ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal e Vce Primeiro-Ministro, Augusto Santos Silva (ASS). Data e meio: 9 de abril de 2019, Observador.

A Tabela 5 apresenta o total observado de cada Forma de Tratamento, em cada um dos interlocutores: (1. Honorífico, por exemplo Sr. Ministro, Sr. Doutor ou Senhor; 2. Tratamento pelo Nome; 3. Você e 4. 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito expresso).

Caso	Interlocutor 1				Interlocutor 2			
	FT 1.1 Honor	FT 1.2 Nome	FT 1.3 Você	FT 1.3 3º P	FT 2.1 Honor	FT 2.2 Nome	FT 2.3 Você	FT 2.4 3º P
1	31	0	0	28	0	8	0	40
2	0	30	0	71	0	2	2	1
3	17	0	0	19	0	2	0	7
4	0	4	12	62	0	14	0	2
5	0	0	4	59	0	0	10	5
6	10	0	0	33	3	0	0	11
TOTAL	58	34	16	272	3	26	12	66

Tabela 5 – Resultados das formas de tratamento contabilizados na etapa 1

#### 4.1.1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ETAPA 1

(1) A forma da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito expresso é aquela a que entrevistadores e entrevistados mais recorrem no nosso *corpus*<sup>17</sup>, confirmando os resultados de vários estudos no PE: “O uso de formas de sujeito nulo é a estratégia de interação mais produtiva.” (Guilherme & Bermejo, 2015, p. 175). Assim, por exemplo, mesmo na entrevista de MST ao PM de Portugal, com um grande formalismo, se encontramos 22 vezes a forma de tratamento muito cerimoniosa “Senhor Primeiro-Ministro”, também ouvimos 28 tratamentos na 3.<sup>a</sup> pessoa, sem explicitar nome nem pronome. E, no caso nº 5, uma entrevista de grande informalidade, a responsável pelo programa, Júlia Pinheiro, usa a 3.<sup>a</sup> pessoa 59 vezes, a acompanhar apenas quatro “você”.

(2) Observamos também que a 3.<sup>a</sup> pessoa, pode acompanhar todo o tipo de tratamento nominal/pronominal: “você, senhor(a), minha senhora, senhor Doutor, senhor Deputado, senhor Candidato, senhor Ministro, senhor Primeiro-Ministro”, independentemente do grau de formalismo e da diferença entre os interlocutores no eixo vertical e no eixo horizontal. Pode também acompanhar um tratamento pelo nome do interlocutor.

17. Foram registadas 338 ocorrências da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito expresso nas 6 interações analisadas.

(3) O uso dominante da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito explícito no *corpus* analisado parece dever-se ao caráter potencialmente neutro, mas sobretudo à flexibilidade desta forma. A sua capacidade de memória permite-lhe adquirir o valor de um tratamento anterior explicitado. Pode manter um valor potencial neutro ou herdar um valor de “você”, do tratamento pelo nome próprio, de “senhor”, até de um tratamento tão formal como “Senhor Primeiro-Ministro”. A 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito exposto tem uma capacidade de mimetismo assinalável. Assim, por exemplo, depois de um tratamento formal por “Senhor Primeiro-Ministro”, tratamentos seguintes na 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito herdam esse formalismo e são usados e aceites pelos interlocutores.

(4) Nas entrevistas, a frequência de formas de tratamento é desigual, sendo maior do lado do entrevistador, que, ao conduzir a interação, tem de dirigir-se ao seu interlocutor, enquanto este, muitas vezes, se limita a responder, sem se referir ao outro.

#### 4.2. ETAPA 2 - ALARGAMENTO DA AMOSTRA

Os resultados obtidos na primeira etapa da amostragem não resolveram questões específicas levantadas pelo “você”. Tal como indicam vários autores: “os critérios que definem quando se deve utilizar (e se se deve de facto utilizar) você, como forma de tratamento, são muito imprecisos”. (Guilherme & Bermejo, 2015, p. 170). Os valores obtidos na etapa 1 relativos ao uso desta forma indiciavam uma grande concentração nos mesmos indivíduos. Não era possível, todavia, estabelecer uma correlação entre o uso do “você” e fatores como a idade, o estrato social ou questões diatópicas.<sup>18</sup> Uma regularidade que conseguimos captar era que o uso do “você” parecia ser mais fácil, se quem o usa for entrevistador, se estiver numa posição de igualdade ou de dominância perante o entrevistado e se o formalismo da interlocução não for alto. Mas seria, à partida, necessário que a forma de tratamento fizesse parte do idioleto do indivíduo.

18. Em estudos com outros tipos de corpora, a variação diatópica tem-se revelado como importante na percepção dos valores do você, havendo regiões onde o mesmo é usado, por exemplo, de filhos para familiares mais velhos como forma deferente e outras em que tal não acontece.

Com base nos resultados iniciais, partimos então para uma etapa 2, em que focámos a nossa análise em interações de alguns entrevistadores, verificando a correlação entre as ocorrências do “você” e a existência de simetria ou assimetria entre os participantes, traduzida pela chamada *distância vertical*, proposta por autores como Brown e Levinson (1987), Carreira (1997) e Kerbrat-Orecchioni ((1996) 2006). Introduzimos a escala de 0 a 3 graus para medir a distância vertical (dV) entre os interlocutores, em termos de experiência e estatuto socioprofissional. O grau 0 representaria a existência de simetria e o grau 3 representaria a existência de assimetria marcada. Interessando-nos focalizar a dV do entrevistador face aos entrevistados, consideramos a existência de valores positivos e negativos na escala — -3 :: 0 :: +3 — para poder situar o entrevistador num lugar baixo ou alto relativamente ao entrevistado. -3 identificaria assimetria marcada, com o entrevistador a ocupar a posição + baixa da nossa escala relativamente ao entrevistado (ver, na tabela 7 abaixo, uma distância de dV -2, nos casos 1 e 6, em que o I1 – jornalista MST ou MJA – entrevista o I2 – um primeiro-ministro ou um vice-primeiro ministro) e +3 identificaria assimetria marcada, com o entrevistador a ocupar a posição + alta da escala relativamente ao entrevistado (ver, na tabela 7 abaixo, uma distância de dV +3, no caso 9, em que o I1 – jornalista MST – entrevista o I2 – um dirigente de um recente partido de extrema-direita muito polémico).

Alargamos a amostra com novas entrevistas lideradas por MST e MJA, já que tanto um como outro tinham evidenciado usar a forma “você”, embora no caso de MST, estas ocorrências tivessem surgido na entrevista em que este ocupava o lugar de I2. Analisámos mais quatro entrevistas do primeiro e mais três entrevistas da segunda<sup>19</sup>, que adicionámos, nesta etapa 2, às entrevistas que já recolhêramos na etapa 1. Ficamos assim com 5 entrevistas de cada um dos entrevistadores, como se comprova facilmente na *Tabela 7*.

19. As novas entrevistas estão também devidamente referenciadas na bibliografia.

20. I1 – Interlocutor 1 - Entrevistador; I2 – Interlocutor 2 - Entrevistado.

Tabela 6 – Lista dos Sete Novos Casos analisados na etapa 2

A Tabela 6 descreve os cinco novos casos:<sup>20</sup>

Caso	I1	I2	Tipo	Duração	Contexto
7	MST	GA	Entrevista	27' 24"	Género: entrevista televisiva genérica. I1: Miguel Sousa Tavares (MST), conhecido jornalista português; I2: inspetor da Polícia Judiciária Gonçalo Amaral (GA), Autor de um livro polémico sobre o caso Maddie. Data e meio: 20 de dezembro de 2020, SIC.
8	MST	EM	Entrevista	8' 15"	Género: entrevista televisiva genérica. I1: Miguel Sousa Tavares (MST), conceituado jornalista português; I2: Esther Mucznic (EM), jornalista especializada na causa judaica. Data e meio: 1 de junho de 2020, TVI.
9	MST	AV	Entrevista Política	12' 11"	Género: entrevista política televisiva. I1: Miguel Sousa Tavares (MST), conceituado jornalista português; I2: André Ventura (AV), dirigente de um partido de extrema direita português. Data e meio: 26 de Fevereiro 2020, TVI.
10	MST	JCF	Entrevista Política	10' 20 "	Género: entrevista política televisiva. I1: Miguel Sousa Tavares (MST), conceituado jornalista português; I2: João Cotrim de Figueiredo (JCF), dirigente do partido de direita português, Iniciativa Liberal. Data e meio: 17 de maio de 2021, TVI 24.
11	MJA	RC&NS &AJT	Entrevista	59' 00"	Género: entrevista radiofónica em video. I1: Maria João Avillez (MJA), conhecida jornalista portuguesa; I2: Ricardo Costa (RC), Nuno Santos (NS) e António José Teixeira (AJT), diretores de canais de televisão portugueses, respetivamente da SIC, da TVI e da RTP. Data e meio: 29 de novembro de 2022, Observador.
12	MJA	CA	Entrevista	39' 10"	Género: entrevista radiofónica em video. I1: Maria João Avillez (MJA), conhecida jornalista portuguesa; I2: Camané(CA), fadista muito conhecido da nova geração. Data e meio: 29 de Junho de 2019, Observador.
13	MJA	LM	Entrevista Política	32' 27"	Género: entrevista radiofónica em video. I1: Maria João Avillez (MJA), conhecida jornalista portuguesa; I2: Luis Montenegro, dirigente do PSD, líder da Oposição. Data e meio: 14 de Abril de 2023, CNN.

A Tabela 7 sintetiza os resultados registados nesta segunda etapa, combinados com os resultados da primeira etapa, segmentando apenas as intervenções do I1 – Entrevistador.

Caso	Distância V (dV)	FT 1.1 Honor	FT 1.2 Nome	FT 1.3 Você	FT 1.3 3º P	FT 1.3 Você(Aj)	Interlocutores e distância entre eles
1	-2	31	0	0	28	0	MST é um jornalista reconhecido e entrevista AC, que é PM de Portugal
4	0	0	4	12	62	7	MJA é uma jornalista reconhecida que entrevista o seu amigo ALX, que é um advogado reputado e um político de longa data
6	-2	10	0	0	33	0	MJA é uma jornalista reconhecida que entrevista AS, S que é Ministro NE e Vice-PM do governo
7	2	7	0	28	28	28	MST é um jornalista reconhecido e entrevista GA, um Inspetor da PJ objecto de críticas pelo seu comportamento no caso Maddie
8	0	0	6	1	1	4	MST é um jornalista reconhecido e entrevista EM, sua amiga e jornalista especializada em causas judaicas
9	3	0	5	20	10	50	MST é um jornalista reconhecido e entrevista AV, dirigente de um novo partido de extrema-direita
10	1	0	2	0	4	0	MST é um jornalista reconhecido e entrevista JCF, dirigente do novo partido liberal IL
11	1	0	8	21	12	12	MJA é jornalista reconhecida e entrevista RC&NS&AJT, que são diretores de 3 canais de TV, SIC, TV/CNN e RTP
12	1	0	7	23	64	18	MJA é jornalista reconhecida e entrevista CA que, apesar de reconhecido artista, é bastante mais novo
13	0	6	1	2	43	2	MJA é jornalista reconhecida e entrevista LM que é o líder da oposição, como o presidente do PSD
TOTAL		54	33	107	285	121	

Tabela 7 – Síntese de resultados obtidos na etapa 2<sup>1</sup>

21. Como as entrevistas, quer de MST quer de MJA, têm durações muito diferentes, para analisar a correlação, calculamos o valor de “Você Ajustado (Aj)”, que corresponde ao número de ocorrências calculado para uma duração padrão, que convençionámos ser de 30 minutos, próximo do valor médio das entrevistas, assumindo uma distribuição regular no tempo.

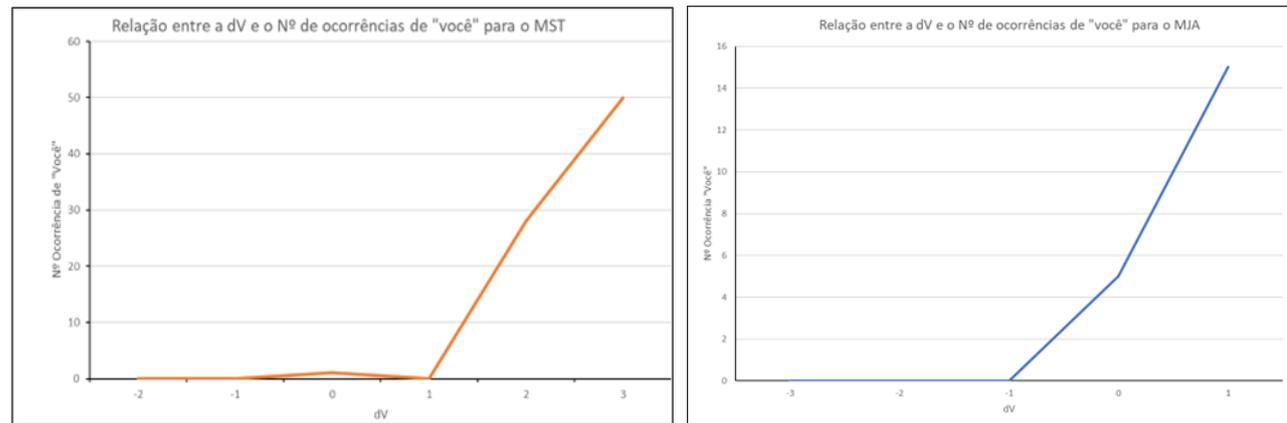
Os valores de dV para cada entrevista foram fixados de acordo com a metodologia descrita acima.

#### 4.2.1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ETAPA 2

Numa observação rápida dos valores na tabela, verificamos facilmente que quando  $dV < 0$ , o que traduz uma assimetria negativa do entrevistador, posicionado abaixo do entrevistado, o entrevistador nunca usa “você”, mas, nos casos em que  $dV \geq 1$ , o número de ocorrências de “você” é significativo. A 3ª pessoa sem sujeito expresso continua dominante no conjunto da amostra, com 285 ocorrências.

As curvas representadas na *Figura 2* traduzem a correlação entre o número de ocorrências da forma de tratamento “você” por parte de I1 – Entrevistador e a variável externa *distância vertical* estabelecida com I2 – Entrevistado:

Figura 2 - Nº Médio de ocorrências de “você” de MST e MJA, em função da distância vertical entre interlocutores



A curvas obtidas parecem confirmar a correlação indicada acima. Não existem tratamentos por “você” se  $dV < 0$  e observa-se um crescimento do nº de ocorrências de “você”, à medida

que a distância vertical de MST e de MJA, em direção a uma posição + alta sobre o interlocutor, aumenta. Com o PM, MST não utiliza nenhum “você”; MJA também não o faz com o MNE, casos com  $dV < 0$ . Tudo muda quando a  $dV \geq 0$ , assinalando uma distância vertical marcada por uma posição hierárquica + alta por parte do entrevistador. Com os entrevistados, GA e AV, MST abunda na forma “você”. E, nas interações de MJA com ALX, com os diretores de TV, ou com Camané, em que  $dV \geq 0$ , a forma “você” também prolifera.<sup>22</sup>

Se olharmos para os valores de uso nas entrevistas de MJA, verificamos que o uso de “você” parece depender também do formalismo da entrevista, com tendência a ser maior em entrevistas genéricas do que em entrevistas políticas.

Na nossa amostra, há, pois, entrevistadores reconhecidos, com grande exposição mediática em Portugal e uma posição social alta, que usam “você” perante entrevistados simétricos ou em plano inferior e a frequência de uso do “você” aumenta com o aumento da distância social. Esta observação pode indiciar uma correlação entre o uso do “você” e a pertença a uma elite social, contrariando algum preconceito que o associava apenas a regiões mais rurais e a camadas mais baixas da população.

Note-se que Hammermüller (1993) já distinguira, a partir das suas observações, no plano da relação hierárquica entre interlocutores, tal como é citado por (Lešková, 2012, p. 32), três tipos de “você”: a) você de respeito, b) você de igualdade c) você de superioridade. Guilherme e Bermejo também corroboram esta complexidade da forma:

O pronome você na variedade europeia do português tem um comportamento discursivo muito complexo. Este facto faz com que os diferentes autores que se dedicaram a analisar os usos deste pronome não concordem com o seu valor real e atual...o caso europeu apresenta contextos de uso de você aparentemente contraditórios: tratamento informal, tratamento formal e, até um determinado ponto, tratamento pejorativo. (Guilherme & Bermejo, 2015, p. 167)

22. Note-se que confirmámos, também, que há entrevistadores que não usam “você”, mesmo se, aparentemente, houvesse condições para o fazer. Ouvimos a entrevista de 19/10/2022, com 27’ 55”, na RTP, de Vitor Gonçalves (VG) (link igualmente referenciado na bibliografia) ao mesmo André Ventura que MST entrevistara. VG nunca usa “você”, ao contrário de MST que usara 19 tratamentos por “você” em apenas 12 minutos de conversa. VG trata o entrevistado por “André Ventura”, por “O Senhor” ou, também, na 3.<sup>a</sup> pessoa. Também é significativo que esse entrevistado, tal como vimos com MST, trate o entrevistador pelo nome próprio simples, “Vitor”, parecendo, com isso, manifestar uma intenção de se colocar num plano de igualdade com os seus entrevistadores.



Se a associarmos à *Figura 1*, que representa a evolução histórica das formas de tratamento, desde antes do século XIV, teremos um bom resumo do *kernel* do nosso trabalho.

Como observámos, parece haver, na base do sistema português, um modelo T-N-V perfeito, onde a 3.<sup>a</sup> pessoa, sem nome ou pronome explícitos, oferece o tratamento neutro. Em português, “é possível subtrair a produção social de sentido V-T através da omissão do denotador de sujeito” (Cook, 1997, p. 458). Concordamos, portanto, com Cook, quando o autor acrescenta:

Assim, a forma de neutralidade de tratamento na língua portuguesa é gramaticalmente obtida pela omissão do denotador de sujeito em conjunto com o uso do verbo na terceira pessoa. É o caso de, por exemplo, - Como está? ou - Como se chama? (Cook, 1997, p. 453)

Mas, no modelo T-N-V, introduz-se um elemento parasita, que se sobrepõe, que oscila, que flui, e que, realmente, pode assumir, dependendo dos interlocutores, do seu estrato social e da região, um papel cerimonioso, um papel neutro (que seria o que a lógica da sua evolução lhe reservaria), um papel de intimidade, próximo do “tu”, mas igualmente um carácter ofensivo, como testemunha Mário de Carvalho, citado no início do nosso estudo, entre muitas outras pessoas:

(...) este valor neutro do pronome parece não ser assim tão claramente entendido e julgado por muitos falantes... o emprego de você poderá constituir-se como um ato ameaçador da face (Guilherme & Bermejo, 2015, pp. 170-177).

Temos então um “você” movediço, porque interpretado de formas muito diferentes, que resvala ao longo do eixo do sistema, e que torna, quando usado, o modelo T-N-V num modelo ambíguo. O “você” balança entre o T e o V, passa pelo N, e, por isso, vê-se incapacitado de assumir o papel neutro. Isso mesmo é dito por Lešková:

(...) o número de possíveis interpretações, causa caos no seu uso. Usada entre iguais mas também desiguais, a forma *você* é hoje tratamento cada vez mais frequente mas sempre cheio de contradições. É sobretudo uma questão socio-cultural. (Lešková, 2012, p 31)

Em vez de ser vista como neutra, esta forma pode ser considerada descortês:

Embora o pronome “*você*” seja muitas vezes visto como neutro, como uma forma de tratamento respeitosa, ele pode ser considerado por muitos interlocutores como deselegante ou mesmo como ofensivo. Em interações com assimetria, em que o interlocutor está numa posição superior ou é mais velho, o uso de “*você*” pode ser uma fonte de conflito e mesmo explicitamente censurado. (Aguiar & Paiva, 2017, p. 138)

E é, curiosamente, a solução de terceira pessoa, sem pronome explícito, que parece assumir o papel de verdadeiro neutro no sistema. Alguns estudos recentes parecem confirmá-lo. Lopes e Mota defendem esta posição: “consideramos que, a variante sujeito nulo + verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa não é negativamente marcada” (2019, p. 163). As autoras (*ibidem*) acrescentam, ainda, que há “uma rejeição ao emprego explícito de *você* para a segunda pessoa no PE” (*ibidem*), Lesková corrobora a aceitação generalizada da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito: “O emprego da 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito expresso está mais e mais a aumentar... permite evitar os problemas do tratamento e da formalidade desnecessária”. (2012, p. 56)

Hammermüller (2004, pp. 7-8) chamara à forma de tratamento de 3.<sup>a</sup> pessoa o “tratamento de evitação”, por ser uma maneira de evitar um tratamento que marque o estatuto do interlocutor<sup>24</sup>. Todavia, parece-nos que a 3.<sup>a</sup> pessoa é mais versátil do que isso, uma vez que ela adquire facilmente qualquer valor V, ou o valor “*você*”, quando os acompanha. A 3.<sup>a</sup> pessoa é potencialmente neutra, mas com capacidade de mimetismo: tal como o camaleão, recebe a cor do que o envolve. Para além de conseguir a tal “evitação”, ela consegue navegar do neutro ao deferente, mimetizando as escolhas discursivas precedentes e subsequentes do locutor.

24. «Ainsi, il n'y a pas de référence pronominale dans le cas de ce qui semble le degré le plus communément accepté comme l'évitement type du portugais: l'emploi d'une forme verbale de la 3e pers. (sg. et pl.) conjuguée sans pronom(s)» (Hammermüller, 2004, p. 8).

Temos, enfim, a oferta de um sistema T-N-V que parece perfeito, baseado na 3.<sup>a</sup> pessoa sem sujeito. Não conseguimos, todavia, prever o que poderá acontecer ao “você”, pois, apesar de parecer constituir uma perturbação, nada garante que desapareça.<sup>25</sup> Temos encontrado o uso corrente do “você” por elementos das elites do chamado português-padrão, dialeto falado na corda Lisboa-Coimbra, contrariando assim algum preconceito que o associava a regiões mais rurais e a camadas mais baixas da população, poderá tornar mais difícil o seu desaparecimento e até facilitar a sua expansão.

Certamente, muitas das questões que aqui levantámos exigiriam uma investigação mais aprofundada, por exemplo, para tentar perceber a relação do uso do “você” com a geografia física e social, ou seja, nos planos diatópico e diastrático, ou no plano diafásico, nomeadamente, etário, se essa relação existir. Estudos para perceber a forma como os diversos interlocutores avaliam o uso do “você” seriam também importantes, para, assim, tentar perspetivar o seu futuro.

25. Teremos também de considerar o ruído que o “você” do português do Brasil possa gerar no sistema do PE, desequilibrando-o. Por outro lado, não é fácil definir as fronteiras de uso da forma “você” no plano diatópico e diastrático. “A forma pronominal “você” está sujeita a uma variação diatópica e diastrática, tal como a uma avaliação de carácter social. Não é fácil definir os contextos em que é considerada apropriada.” (Aguilar & Paiva, 2007, p. 137)

ARTIGO RECEBIDO A  
04/05/2023  
ARTIGO APROVADO A  
11/08/2023

#### REFERÊNCIAS

- Aguiar, J. & Paiva, M. C. (2017). Vocês tenham cuidado, sois educadas para isso. In P. Barbosa, M da C Paiva & C. Rodrigues, *Studies on variation in Portuguese* (pp. 135-150). Amsterdão: John Benjamins.
- Allen, A. S. F. (2019). *O Sistema de formas de tratamento em Português Europeu* [Dissertação de Mestrado], FLUL.
- Barbosa *et al.* (2014). *Perfil sociolinguístico da fala bracarense* [Corpus]. CEHUM. [http://cehum.ilch.uminho.pt/fala\\_bracarense](http://cehum.ilch.uminho.pt/fala_bracarense).
- Blanco, M. L. (2002). *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: D. Quixote.
- Brown, R. & Gilman, A. (1968). The pronouns of power and solidarity. *Readings in the Sociology of Language* (252-276). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Brown, P. & Levinson, S. (1987). *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge University Press.
- Cardeira, E. (2008). O português medieval: koinização e elaboração. *Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, 9, 155-176.
- Carreira, M. H. A. (1997). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain - Paris, Peeters, col. Bibliothèque de l'Information grammaticale.
- \_\_\_\_\_(2004). *Formas de tratamento de Português como designação do Outro e de Si: Perspectivas de investigação e de transposição didáctica*. Universidade Paris VII.
- Carreira, M. H. A. & Teletin, A. (orgs.) (2017). *La déixis et son expression dans les langues romanes*. «Travaux et documents» (Tomo 62). Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis.
- Cintra, L. (1972). *Sobre formas de tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cook, M. (1997). Uma teoria de interpretação das formas de tratamento na Língua Portuguesa, *Hispania*, 80(3), 451-464.
- Duarte, I. M. (2010). Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In A.M. Brito (org.), *Gramática: história, teorias, aplicações* (pp. 133-146). CLUP – FLUP.
- \_\_\_\_\_(2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 18 (28), 84-101.

Faraco, C. A. (2017). O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, 3(2), 114-132.

Faria, M. (2022). Algumas considerações sobre a produção e a aceitação de formas dos paradigmas vós/vocês. *REDIS*, (11), 118-155.

Faria, R. (2009). *O fenómeno da delicadeza linguística em Português e em Inglês* [Tese de doutoramento], Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.

Guilherme, A. R. & Bermejo V. (2015). Quão cortês é você? O pronome de tratamento você em Português Europeu. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, 1(2), 167-180.

Hammermüller, G. (1993). *Die Anrede im Portugiesischen. Eine sociolinguistische Untersuchung zu Anredekonventionem des gegenwärtigen europäischen Portugiesisch*. Chemitz, Never Verlag.

\_\_\_\_\_(2004). *Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente*. [https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio\\_paris/ponencias/pdf/cvc\\_](https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_)

Lešková, J. (2012). *As formas de tratamento em Português Europeu* [Dissertação de Mestrado] Faculdade de Filosofia da Universidade Palackého V Olomouci.

Lopes, C. R. & Mota M.A. (2019). A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no Português Europeu (PE): Uma abordagem experimental. *Revista Working Papers em Linguística*, Florianópolis, 20(2), 135-174.

Nascentes, A. (1956). O tratamento de ‘você’ no Brasil. *Revista Letras*, (5/6), 114-122.

Ponce de León, R. (2008). Gramática y Traducción en la Historia de la enseñanza-aprendizaje del portugués en España La Gramática Elemental de la Lengua Portuguesa (Heidelberg, 1911) de Francisco Carrillo Guerrero. In X. M. Dasilva (ed.) *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa II* (113-127). Vigo: Editorial Academia del Hispanismo

Kerbrat-Orecchioni, C. ((1996) 2006). *Análise da Conversação – Princípios e Métodos*. Editora Parábola.

Santos Luz, M. (1956). Fórmulas de tratamento no Português Arcaico. *Revista portuguesa de filologia*, (7), 251-363.

**CORPUS (LINKS)**

Links das 14 entrevistas/ conversas analisadas (visualizadas de Dezembro de 2022 a Outubro 2023)

1. <https://tvi.iol.pt/noticias/videos/a-entrevista-de-miguel-sousa-tavares-a-antonio-costa-na-integra/61368f9f0cf246344eba1fd4>
2. <https://www.rtp.pt/play/p4258/e353901/grande-entrevista>
3. <https://sicnoticias.pt/pais/2021-10-29-Rio-quer-eleicoes-em-janeiro-coloca-Marcelo-a-prova-e-acena-ao-Chega-e-ao-bloco-central-69693ecc>
4. <https://www.youtube.com/watch?v=A0zjq7R8qI4>
5. <https://sic.pt/programas/julia/julia-11-de-marco-parte-2-grande-entrevista-com-joao-soares/>
6. <https://www.youtube.com/watch?v=I4tgrwQPcmg>
7. <https://www.youtube.com/watch?v=KFRVRa8eE6E>
8. <https://www.youtube.com/watch?v=JCvb3FfmiTo>
9. <https://www.youtube.com/watch?v=PAD6W9iqKdw>
10. <https://www.youtube.com/watch?v=jRKcfX2rCTQ>
11. <https://observador.pt/programas/atualidade/as-televisoes-e-a-informacao-onde-estamos-maria-joao-avillez-entrevista-os-tres-diretores/>
12. <https://observador.pt/programas/entrevista-2/em-miudo-tinha-vergonha-de-que-me-ouvissem-a-ouvir-fado-camane-em-entrevista-a-maria-joao-avillez/>
13. <https://cnnportugal.iol.pt/videos/na-integra-montenegro-revela-tudo-coligacoes-pre-e-pos-eleitorais-o-chega-marcelo-costa-o-que-faz-se-vencer-e-perder-as-legislativas-rui-moreira/64398db70cf2c84d7fd1787f>
14. <https://www.rtp.pt/play/p9766/e648005/grande-entrevista>

